



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Multimodalidade e Letramento Digital: uma entrevista com Ana Elisa Ribeiro

Geam Karlo-Gomes^a; Auricélia Pires de Vasconcelos Belarmino^b

^a Universidade de Pernambuco, Petrolina, Pernambuco, Brasil - geamk.upe@gmail.com

^a Universidade de Pernambuco, Petrolina, Pernambuco, Brasil - proaury@gmail.com

A linguagem, graças ao computador, com os *softwares* de edição de textos e imagens, e em especial, a partir da *web 2.0*, assumiu novos designs numa inter-relação texto verbal (escrito e sonoro) e não-verbal (imagem estática e em movimento), que redimensionaram as concepções de leitura e comunicação. Cores, efeitos de animação, designs de tipografias, hiperlinks, entre outros, formam as páginas multimodais da internet. Por isso, nas últimas décadas, o leiaute e a relação texto-imagem, por exemplo, têm sido explorados no campo da produção textual (literária, artística, jornalística, publicitária etc.), o que contribuiu para inserir muitas habilidades impostas pelo universo digital.

Esse campo tem merecido estudos em diversas áreas de conhecimento: linguística, comunicação, literatura, jornalismo, educação, entre outras, com perspectivas de interesses específicos: escrita digital, mídias, redes sociais, gamificação, *e-learning* e *u-learning*, novos designs e plataformas de leitura, novos gêneros do universo digital e criações literárias digitais (a exemplo de uma série de produções publicadas na revista Texto Digital).

Ora, as mudanças provocadas pelas tecnologias digitais tiveram repercussões em diversos setores (comércio, indústria, saúde, educação etc.), e ampliaram os eventos e práticas de letramento. Em meados da década de 90 do século XX, o New London Group (Grupo de



Nova Londres), formado por professores como Bill Cope, Mary Kalantzis, Norman Fairclough, Gunther Kress e James Gee, fez um manifesto, denominado Pedagogia dos Multiletramentos. Esse termo, conforme Cope e Kalantzis (2000), foi motivado pela diversidade cultural e linguística e a multiplicidade de canais de comunicação.

No Brasil, as contribuições de Ana Elisa Ribeiro – escritora, doutora em Linguística Aplicada (Linguagem e tecnologia) e mestra em Estudos Linguísticos, ambos pela UFMG, pós-doutora em Comunicação (PUC-Minas), em Linguística Aplicada (Unicamp) e em Estudos Literários (UFMG) – têm sido referência para vários estudiosos no que se refere a esse campo de conhecimento. Autora de obras como *Textos multimodais: leitura e produção* e *Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação* (Parábola Editorial), tendo escrito, organizado e publicado também vários livros e artigos científicos, a pesquisadora vem se dedicando a temas relacionados à leitura, produção e edição de textos permeados pelas tecnologias digitais.

Nesta entrevista, Ana Elisa Ribeiro aborda conceitos e discute questões como: a multimodalidade e sua relação com a escola, a emergência dos novos gêneros textuais e a produção de textos multimodais, o letramento digital e cultura do impresso, a leitura em tela, a cibercultura, entre outros aspectos tão caros à crítica e à teoria das textualidades digitais.

Entrevistadores: O que é a multimodalidade? Como surgiu esse termo?

Ana Elisa Ribeiro: Multimodalidade é um termo emprestado de teorias estrangeiras (como quase todos por aqui). A palavra original é *multimodality*. Quem o difundiu, no sentido a que me refiro, foram os pesquisadores da semiótica social, o pessoal da linguística sistêmico-funcional etc. Depois, essa palavra ficou ainda mais conhecida por conta do manifesto da pedagogia dos multiletramentos, publicado em 1996 e muito difundido na pesquisa brasileira. O que me atrai na noção de multimodalidade? É ela enxergar e tratar o texto inteiro, isto é, em sua composição toda, e não como parte, entendem? Quando a gente trata um texto como só palavra, ele fica capenga. Pode ser interessante e tal, mas não é tudo, não lemos a inteireza dele, deixamos camadas de sentido, até de intenção, para trás. Como sempre fui do livro, da edição, da tecnologia,

era esquisito trabalhar com uma noção de texto estritamente linguística. Não era coerente. Eu via e sentia que texto não era só palavra. Que nem a palavra consegue ser “pura”. Que ela existe materializada, mais ainda quando tratamos da palavra impressa! E então foi fácil ter um encontro, um verdadeiro *match*, com as noções da semiótica social. Nem tudo ali, por exemplo, na obra do professor Gunther Kress, está resolvido. E ainda bem que não está! Mas há boas noções, que nos ajudam a entender o que é um texto em sua amplitude. É uma chave de leitura, um jeito de ver. Sempre fui mais interessada no macro do que em aspectos micro. A multimodalidade serve bem a esse tipo de ansiedade investigativa. E mais: sou escritora, lido profissionalmente com edição (de textos, de livros). É como ver a coisa por dentro. Fica impossível fragmentá-la e abstrair as partes.

Entrevistadores: O seu livro, *Textos multimodais: leitura e produção*, traz muitas possibilidades para o trabalho prático com a multimodalidade na escola. É possível afirmar que professores de geografia e matemática, por exemplo, mesmo sem conhecimento do termo, fazem um profícuo trabalho com a multimodalidade? E qual a relação dos professores de língua materna com fluxogramas, organogramas, gráficos, infográficos (animados e estáticos) linhas do tempo, mapa em suas práticas pedagógicas?

A. E. R.: Esse livro foi uma alegria do começo ao fim. Ele resulta de um pós-doutorado que fiz na Unicamp, supervisionada pela professora Roxane Rojo. Uma interlocutora objetiva. E mesmo tendo aprendido muito com ela, assistindo a algumas aulas e trocando ideias, uma coisa sobressai, daquele período de pesquisa perto dela. Roxane me disse uma frase, dessas que a gente engole com isca e tudo, que foi bem importante: “você não tem mais de se preocupar em escrever trabalho grande. Já fez tese. Já provou o que tinha de provar. Escreva livros, escreva para o professor!”. Isso me pegou de jeito! De fato, que bobagem era aquela de ficar no mesmo diapasão de antes? Era meu segundo pós-doc. Então, sistematizei as atividades que faria com estudantes do ensino médio, pesquisei, obtive apoios para os testes e produzi aquele material, que depois foi aceito pela Parábola Editorial. Isso foi outra parte do sonho, do encantamento. Essa editora era o lugar mais legal a que eu poderia aspirar, na área de Linguística. Eu olhava e comprava aqueles livros até suspirando. Pensava: nossa, como deve ser bom estar neste catálogo. Mas, sinceramente, não achava que chegaria. A sensação de invisibilidade do trabalho

atrapalha muito a gente. Fazem pensar que somos invisíveis se não estamos em tal ou qual lugar, se não somos isto ou aquilo. Mas, enfim, o livro está lá. Pesquisando para ele, fui lendo outras pesquisas e pensando sobre o tema, enfim... mesmo que um professor de Física ou de Matemática não saiba o que é multimodalidade e não tenha contato com esta teoria, ele faz leitura de gráficos, de linhas do tempo, de imagens com os/as estudantes. É quase sem querer, mas ele faz um trabalho imprescindível em relação a uma leitura mais global, à leitura de imagens, de números, de relações etc. Parte dos/as professores/as de português não são formados/as para isso e nem, muitas vezes, conseguem olhar para uma peça textual sem fragmentá-la, como se ela fosse apenas palavra. Isso é ensinado assim, meio cultural na formação. Foi assim que aprendi na escola e, depois, em grande medida, no ensino superior. Bom, foi um alívio saber que texto é mais que verbo. Sou professora dos três níveis de ensino: médio, graduação e pós. Lido com a moçada do ensino médio há anos e gosto que eles experimentem comigo algumas práticas, algumas atividades, façam uns testes. Esse tipo de coisa gera muita discussão boa e, acho, abre a cabeça de todos/as. Esses relatos estão em diversos textos que andei publicando. Meus estudantes de ensino médio são, quase sempre, personagens principais, ativos, agentes, nas pesquisas.

Entrevistadores: A partir da emergência de novos gêneros textuais, qual o papel do professor de língua materna em relação à formação dos estudantes para leitura e produção de textos multimodais?

A. E. R.: Hoje (lembrando que estamos no século XXI e que temos um contexto sócio-tecnológico configurado aqui), penso que qualquer professor/a de português deva trabalhar com os textos em sua inteireza. E friso: para ler e para escrever. Não é possível que uma pessoa se vire bem neste mundo apenas com palavras, palavras espectrais, sem corpo, sem tónus, sem peso, sem modulação. Meu colega, o professor Renato Caixeta, uma fera em sistêmico-funcional, me disse uma vez que nem seria necessário adjetivar “textos” com o “multimodais”. Aquilo me puxou a orelha, de leve, mas não caí. Infelizmente, ainda é preciso adjetivar. Entendemos que a multimodalidade seja uma característica constitutiva, estrutural, dos textos, qualquer um. E se for por falta de referência: está em vários textos do professor Kress e dele com Theo Van Leeuwen.

Mesmo um texto “só” palavra está “encarnado”, isto é, tem sua existência em um chassi, como chamam os entendidos de artes, o texto existe em alguma materialidade. Mas não tem sido fácil essa compreensão. Então o adjetivo persiste.

Entrevistadores: Como os livros didáticos para a educação básica têm contemplado as demandas relacionadas à multimodalidade? Há bons exemplos?

A. E. R.: Não sei isso com precisão. Sei que existem muitas pesquisas que miram nesse problema. Orientei um doutorando, hoje doutor, o professor João Paulo Xavier, que estudou uso de imagens e representações do Brasil em livros didáticos de inglês. Há pesquisas nesse sentido, menos e mais específicas. O que posso dizer é que os livros didáticos, há vários anos, são compostos de palavra, uma profusão de imagens de toda modulação (fotos, ilustrações, fac-símiles etc.), projetos gráficos arrojados, bem sinalizados, etc. Eles certamente são muito multimodais (falando em níveis, certo?), hoje em dia, no tom do que vemos e lemos em muitos suportes, hoje. Os próprios livros são muito multimodais (repito a ideia de escala, gradiente, paleta, como diz a Amanda Ribeiro, uma mestranda que vem trabalhando com outro tema, mas cabe a metáfora). Já o trabalho sobre textos que ali constam... não sei. Talvez ainda seja muito pautado por aspectos micro de língua, embora haja informação e tentativas de ampliar essa noção. Um exemplo ruim: usar um belo infográfico ou qualquer composição muito multimodal para fazer perguntas tipo ‘marque 3 adjetivos’, entende? É a mesma crítica que se faz ao ensino de literatura, quando é assim. É preciso estudar, ensinar a ver-e-ler o texto em sua inteireza. Certamente, alguns livros já trazem atividades assim, mas impera a timidez. Ainda há o que avançar.

Entrevistadores: Em sua tese defendida em 2008, houve a constatação de um nível frágil de letramento digital por parte de alguns leitores de jornais digitais. No cenário atual, a cultura do jornal impresso tem dado lugar ao digital?

A. E. R.: Certamente, os jornais foram produtos editoriais que mudaram muito e se adaptaram às novas tecnologias, em todos os sentidos: produção, publicação, formas de

circulação e consumo. Minha escolha por jornais não foi à toa. Eu sabia que ali estava um produto que vivia intensamente as mudanças da chegada do digital. Sempre tive um pé na Comunicação e contato com muitos/as jornalistas. Era impossível não ver com eles o que estava acontecendo. Daí pesquisar a leitura de jornais em interfaces diferentes. Minha tese é de 2008. Talvez hoje eu fizesse críticas a ela, por exemplo, quanto a essa polarização impresso/digital. Mas pesquisar coisas que mudam muito tem disso, é um risco, uma espécie de aventura, tem de ter coragem e desapego. Lá, eu falei uma coisa de que nunca me arrependi: a qualidade da leitura depende das pessoas. Parece óbvio, não? Mas não é. E continua não sendo. Se o cara lia no impresso ou no digital, não interessava muito, no final. Bons e boas leitores iam bem em qualquer lugar. Maus leitores/as... o inverso, enfim. De vez em quando leio alguém descobrindo essa roda... porque ainda fazem perguntas como aquela (comparar a qualidade da leitura em suportes diferentes), assim como contrapõem impresso e digital (não contraponho... eles são simplesmente diferentes) e seria mais legal se pesquisadores e pesquisadoras fizessem revisões de literatura, para que a gente conseguisse avançar mais, talvez. Muitas coisas sobre isso, nossa relação com as digitalidades na leitura e na escrita, já estão ditas. Precisamos replicar, claro, lidar com novos contextos e muito mutáveis, quase voláteis, mas há coisas que não são mais novidade. O resultado de impacto prático é o seguinte: precisamos ensinar as pessoas a lerem bem. Onde elas vão ler ou é problema delas ou é questão de conveniência, por exemplo. Sem ler bem, não há milagre nem em tecnologias de última geração.

Entrevistadores: Na obra *Letramento Digital*, que teve sua organização juntamente com a professora Carla Coscarelli, há um capítulo de sua autoria de título bastante sugestivo “Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita”. Qual sua experiência nesse processo de adaptação dos leitores com a leitura híbrida?

A. E. R.: Esse livro foi publicado em 2005. Deve ter sido o primeiro, ao menos no Brasil, a assumir esse nome para essa coisa. Eu me lembro que discutíamos muito como isso se chamaria: letramento digital, letramento informacional, letramento computacional etc. Eram nomes que cirandavam em nossa frente. Lembro de animadas discussões na Faculdade de Educação da UFMG, em especial com a professora Marildes Marinho,

falecida precocemente. Bom, assumimos “letramento digital” e foi a expressão que se tornou hegemônica mais tarde. Só que a discussão continua. Precisa desse adjetivo? Para que ele serve? Para recortar um âmbito, um suporte, uma esfera, uma tecnologia? Pensando em outros letramentos adjetivados (literário, acadêmico, visual etc.), vejam que eles designam coisas que ora são a natureza da tecnologia, ora a esfera de discurso, ora a linguagem, enfim. Não é fácil. Letramento já não era uma noção suficiente para abarcar novidades? Penso que sim. E a chegada dos multiletramentos, que ampliou essa ciranda... Bem, nesse texto do livro, eu resumia algo que havia estudado no mestrado, com as telas. A leitura em tela era ainda meio novidade (nem tínhamos smartphones, imaginem!) e já também havia certo prenúncio de que tais telas seriam inescapáveis, dali a pouco. Fiz testes com leitores e leitoras em todas as etapas, mestrado, doutorado, pós-doc etc. Tem coisa que a gente precisa ver direto na fonte. Não gosto de supor, entendem? Não gosto de prescrever. Gosto de ir lá saber das práticas sociais, das pessoas como são e como fazem. E assim fui vendo essa “adaptação”, em anos diferentes, com telas que também mudaram muito. Em 1998, não dava ainda para imaginar o *touch screen* como um elemento ordinário, comum, acessível, embora ele já existisse, como tecnologia, havia décadas. Hoje qualquer bebê utiliza dos gestos propiciados pelo *touch screen* (e certo senso comum atribui inteligência superior a essas crianças... enfim...). Vejam que esse tipo de pesquisa tem infinitas possibilidades, mutáveis, moventes. Teremos assunto para sempre. Há um artigo que escrevi para um congresso da Compós, a associação nacional dos programas de pós-graduação em Comunicação, em que mostro como um pequeno grupo de adolescentes lida com leituras de escola, ordinariamente, com as tecnologias de que dispõem. Muito interessante o modo como eles interpolam e conciliam tudo, sem o menor preconceito. O texto ainda deve sair por uma revista da USP.

Entrevistadores: Como esse processo de leitura em tela tem ocorrido na escola? Qual a posição dos professores? E os estudantes?

A. E. R.: Não sei se a leitura em tela tem ocorrido na escola. A escola, antes da pandemia, ainda dependia muito de oralidade presencial, contato real, celular proibido. De vez em quando, um projetor no quadro branco (não sei se podemos chamar de tela). Na pandemia, o ambiente virtual de aprendizagem virou praticamente um avatar de escola. Quem

conseguiu assistir às aulas remotas o fez por meio de telas: de computador de mesa, de notebook, de celular, onde desse. Pós-pandemia ainda vamos saber se chegaremos a uma conciliação dessas possibilidades. Os estudantes e todos nós transformamos muita coisa quando premidos, isto é, a necessidade nos faz dar os tais “pulinhos”. Temos de ter inteligência para compilar o que for melhor de cada modo desses, redesenhando as coisas, da melhor maneira.

Entrevistadores: As expressões “cultura digital” e “cibercultura” são bastante utilizadas em estudos voltados para as tecnologias digitais da informação e comunicação - TDICs. Pode-se afirmar que elas têm a mesma significação?

A. E. R.: Eu uso como sinônimas. Para fazer isso e me esquivar de eventuais ataques de quem assume mais matizes que eu, faço uma nota de rodapé para proteger minha face de pesquisadora e vou adiante. A nota é para dizer que considerarei a mesma coisa, sim. Em muitos trabalhos, em muitas referências, trata-se uma pela outra, sem problemas. Num sentido mais filosófico, pode haver quem demonstre que cultura digital tem suas nuances diferentes de cibercultura. Não quero ir a esse nível da discussão sobre os termos, neste caso. Serve-me bem o “cultura digital”, que prefiro. E nem sei por quê. Provavelmente porque o considero mais acessível, mais legível e mais português.

REFERÊNCIAS E ALGUMAS PUBLICAÇÕES DA AUTORA

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. *Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures*. Routledge: London, 2000.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2011.

RIBEIRO, A. E. Do fosso às pontes: um ensaio sobre natividade digital, nativos Jr. e descoleções. *Revista da ABRALIN*, v.18, n. 1, p.1-24, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v18i1.1330>. Acesso em: 15 jun. 2020.

_____.; NOVAIS, A. E. (orgs.). *Letramento digital em 15 cliques*. Belo Horizonte: RHJ, 2014.

_____. Tecnologia digital e ensino: breve histórico e seis elementos para a ação. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 19, n. 2, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15260>. Acesso em: 26 jun. 2020.

_____. *Novas tecnologias para ler e escrever*: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

_____. Do livro e suas tecnologias, seja lá o que ele for. In: BOMFÁ, Cláudia Regina Ziliotto. (org.). *Desafios: editoração em tempos de convergência*. Santa Maria, RS: pE.com Editora experimental, 2018.

_____. *Escrever, hoje*. Palavra, imagem e tecnologias digitais na educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

_____. Hipertexto e Vannevar Bush: um exame de paternidade. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 45-58, set./dez., 2008. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/10/pdf_8ae0ca8efb_0012328.pdf. Acesso em: 26 jun. 2020.

_____. Leitura, escrita e tecnologia: questões, relações e provocações. In: COSCARELLI, Carla Viana. (org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

_____. *Livro*: edição e tecnologias no século XXI. Belo Horizonte: Moinhos & Contafios, 2018.

_____. *Navegar lendo, ler navegando*: notas sobre a leitura de jornais impressos e digitais. Belo Horizonte: InterDitado, 2009.

_____. Produção de textos, multimodalidade e novas tecnologias na escola. In: PINHEIRO-MARIZ, Josilene; BRANCO, Sinara Oliveira. (org.). *Estudos em Linguagens, Discurso e Tradução*. Campina Grande: EDUFPG, 2016.

_____. Tecnologia e poder semiótico: escrever, hoje. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 112-123, jul. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/8681>. Acesso em: 28 jun. 2020.

_____. *Textos multimodais*: leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.